

SEGUNDA PARTE

I

A MORTE DE FLAMÍNIO

O ano de 46 corria calmo.

Em Cafarnaum, vamos encontrar, de novo, os nossos personagens, mergulhados numa serenidade relativa.

As autoridades administrativas, em Roma, não eram as mesmas. Entretanto, apoiado no prestígio do seu nome e nas consideráveis influências políticas de Flaminio Severus, junto ao Senado, Públia Lentulus continuava comissionado na Palestina, onde gozava de todos os direitos e regalos políticos, na administração provincial.

Debalde continuára ali, o senador, a despeito de tôdo o seu imenso desejo de voltar á séde do governo imperial, esperando o ensejo de rehaver o filho, que o tempo continuava a reter no domínio das sombras misteriosas. Nos últimos anos perdera, por completo, a esperança de atingir o seu desideratum, mesmo porque considerava, a êsse tempo Marcus Lentulus deveria estar no seu primeiro período de juventude, tornando-se irreconhecível aos olhos paternos.

De outras vezes, ponderava o orgulho patrício que

o filho não mais vivia; que, certamente, as fôrças perversas e criminosas que o haviam arrebatado do lar teriam exterminado, igualmente, o gracioso menino sob a foice da morte, temendo uma punição inexorável. Lá dentro, porém, no imo dalma, latejava a intuição de que Marcus ainda vivia, razão pela qual, entre as indecisões e alternativas de todos os dias, resolvera, antes de tudo, ouvir a voz do dever paternal, lançando mão de todos os recursos para reencontrá-lo e permanecendo ali indefidamente, contra os seus projétos mais decididos e mais sinceros.

A êsse tempo, vamos encontrá-lo com os traços fisionómicos ligeiramente alterados, embora treze anos houvessem dobrado sobre os dolorosos acontecimentos de 33. Seus cabelos ainda guardavam, integralmente a cor natural e apenas algumas rugas, quasi imperceptíveis, tinham vindo acentuar o seu facies de profunda austeridade. Uma tristeza serena lhe pairava no semblante, invariavelmente, levando-o a isolar-se quasi da vida comum, para mergulhar tão sómente no oceano dos seus papéis e dos seus estudos, com a única preocupação de maior vulto, que era a educação da filha, buscando dotá-la das mais elevadas qualidades intelectivas e sentimentais. Sua vida conjugal continuava a mesma, embora o coração muitas vezes lhe pedisse reatar o laço conjugal, atendendo áqueles treze anos de separação íntima, com a mais absoluta renúncia de Lívia a todas e quaisquer distrações que não fôssem as da vida doméstica e da sua crença, fervorosa e sincera. A sós com as suas meditações, Públio Lentulus deixava divagar o pensamento pelas recordações mais doces e mais distantes e, nessas horas de introspecção, ouvia a voz da consciência que subia do coração ao cérebro, como um apêlo á razão inflexível, tentando inutilizar os preconceitos de sua concepção, mas o orgulho vencia sempre, com a sua rigidez inquebrantável. Algo lhe dizia no íntimo que sua mulher estava isenta de toda mácula, mas o espírito de vaidade preconceituosa lhe fazia ver, imediatamente, a cena inesquecível da espôsa ao deixar o gabinete privado de Pilatos, em vestes de disfarce, ouvindo ainda, sinistra-

mente, as palavras escarninhas de Fúlvia Prócula, nas suas calúnias estranhas e criminosas...

Lívia, todavia, se configura num véu de amargura resignada e compassiva, como quem espera as provi-dências sobrenaturais, que nunca aparecem no inquieto decurso de uma existência humana o espôso a conservava junto da filha, atendendo simplesmente á condição de mãe, não lhe permitindo, porém, de modo algum, inter-ferir nos seus planos e trabalhos educativos.

Para Lívia, aquele golpe rude fôra o maior sofrimen-to da sua vida. A própria calúnia não lhe doêra tanto; mas, o reconhecer-se como dispensável junto da filha do seu coração, constituia a seus olhos a mais dolorosa humilhação da sua existência. Era por esse motivo que mais se abroquelava na fé, procurando en-riquecer a alma sofredora com as luzes da crença fervorosa e sincera.

Longe de conservar as energias orgânicas, tal como acontecera ao marido, seu rosto testemunhava as injúrias do tempo, com a sua pesada bagagem de sofrimentos e amarguras. Na sua frente, que as dôres haviam santi-ficado, pendiam já alguns fios prateados, enquanto os olhos profundos se tocavam de um brilho misterioso, como se houvessem intensificado o próprio fulgor, de tanto se fixarem no infinito dos céus. Seus traços fisio-nômicos, embora atestassem velhice prematura, revelavam ainda a antiga beleza, agora transformada numa indefi-nível e nobre expressão de martírio e de virtude. Um único pedido fizera ao espôso, quando se viu isolada dos seus afetos mais queridos, no ambiente doméstico, longe do próprio contacto espiritual com a filha, circunstância que ainda mais lhe afligia o coração amargurado: — foi o de que lhe permitisse continuar nas suas práticas cris-tãs, em companhia de Ana, que tanto se lhe afeiçoára, com aquele espírito de dedicação que lhe conhecemos, a ponto de desprezar as oportunidades que se lhe oferece-ram para constituir família. O senador deu-lhe ampla permissão em tal sentido, chegando a facultar-lhe recur-sos financeiros para atender aos numerosos operários da doutrina que a procuravam, discretamente, amparando-se

nas suas possibilidades materiais para suas iniciativas renovadoras.

Falta-nos, agora, apresentar Flávia Lentulia aos que a viram, na infância, doente, tímida e pequenina.

No esplendor dos seus vinte e dois anos, ostentava o fruto da educação que o pai lhe dera, com a forte expressão pessoal do seu caráter e da sua formação espiritual.

A filha do senador era Lívia na encantadora graça dos seus dotes físicos, e era Públio Lentulus pelo coração. Educada por professores eminentes, que se sucederam no curso dos anos, sob a escolha dos Severus, que jamais se descuidaram dos seus amigos distantes, sabia o idioma pátrio a fundo, manejando o grego com a mesma facilidade e mantendo-se em contacto com os autores mais célebres, em virtude do seu constante convívio com a intelectualidade paterna.

A educação intelectual de uma jovem romana, nessa época, era sem dúvida secundária e deficiente. Os espetáculos empolgantes dos anfiteatros, bem com a ausência de uma ocupação séria, para as mulheres do tempo em face da incessante multiplicação e barateamento dos escravos, prejudicaram sensivelmente a cultura da mulher romana, no fastígio do Império, quando o espírito feminino rastejava no escândalo, na depravação moral e na vida dissoluta.

O senador, porém, fazia questão de ser um homem antigo. Não perdia de vista as virtudes heróicas e sublimadas das matronas inesquecíveis, das suas tradições familiares e foi por isso que, fugindo à época, buscou aparelhar a filha para a vida social, com a cultura mais aprimorada possível, embora lhe enchesse igualmente o coração de orgulho e vaidade, com todos os preconceitos do tempo.

A jovem amava a mãe com extrema ternura, mas a vista das ordens do pai, que a conservava invariavelmente junto dele, nos seus gabinetes de estudo ou nas pequenas viagens costumeiras, não fazia mistério da sua predileção pelo espírito paterno, de quem presumia haver herdado as qualidades mais fulgurantes e mais nobres,

sem conseguir entender a doce humildade e a resignação heróica da mãe, tão digna e tão desventurada.

O senador buscára desenvolver as suas tendências literárias, facilitando-lhe as melhores aquisições de ordem intelectual, admirando-se-lhe a facilidade de expressão, principalmente na arte poética, tão do gosto daquela época.

O tempo transcorria com relativa calma para todos os corações.

De vez em quando, falava-se na possibilidade de regressar á Roma, plano êsse cuja realização era sempre procrastinada, em vista da esperança de reencontrar o desaparecido.

Num dia suave do mês de março, quando as árvores frondosas se cobriam de flores, vamos encontrar na casa do senador um mensageiro que chegava de Roma á tôda pressa.

Tratava-se de um emissário de Flaminio Severus, que em longa carta comunicava ao amigo o seu precário estado de saúde, acrescentando que desejava abraçá-lo antes de morrer. Comovedores apêlos constavam dêsse documento privado, trazendo ao espírito de Públia as mais acuradas ponderações. Todavia, a leitura de uma carta assinada por Calpurnia, que viéra em separado, era decisiva. Nêsses desabafado, a veneranda senhora o informou do estado de saúde do marido, que, a seu ver, era precaríssimo, acentuando os penosos dissabôres e angustiosas preocupações que ambos experimentavam acérca-dos filhos que, em plena mocidade, se entregavam ás maiores dissipações, seguindo a corrente de desvários sociais da época. Terminava a carta comovedora, pedindo ao amigo que voltasse, que os assistisse naquele transe, de modo que a sua amizade e paternal interesse representassem uma fôrça moderadora junto de Plínio e de Agripa, que, homens feitos, deixavam-se levar no turbilhão dos prazeres mais nefastos.

Públia Lentulus não hesitou um instante.

Mostrou á filha os documentos recebidos e, depois de examinarem, juntos, os pormenores do seu conteúdo, comunicou á Lívia o seu propósito de voltar á Roma

na primeira oportunidade.

A nobre senhora lembrou-se, então, quão diversa lhe seria a vida na grande cidade dos césares, com as idéias que agora possuia e pediu a Jesus não lhe faltasse a coragem necessária para vencer em todos os embates que houvesse de sustentar na sociedade romana, para conservar íntegra a sua fé.

A volta á Roma não reclamou, dêsse modo, grande demora. O mesmo emissário levou as instruções do senador para os seus amigos da capital do Império e, daí a pouco, uma galera os esperava em Cesareia, reconduzindo a família Lentulus de regresso, depois da permanência de quinze anos na Palestina.

Desnecessário dizer dos pequeninos incidentes do retorno, tal a vulgaridade das viagens antigas, com a sua monotonia, aliada ás vagarosas perspectivas e ao doloroso espetáculo do martírio dos escravos.

Cumpre-nos, entretanto, acrescentar que, nas vésperas da chegada, o senador chamou a filha e a mulher, dirigindo-lhes a palavra em tom discreto:

— Antes de aportarmos, convém lhes explique a minha resolução, a respeito das notícias do nosso pobre Marcus.

“Ha muitos anos, guardo o maior silêncio em torno do assunto, para com os meus afeiçoados de Roma e não desejo ser considerado um mau pai, em nosso ambiente social. Sómente uma circunstância, como a que nos impôs esta viagem, me levaria a regressar, porquanto não se justifica que um pai abandone o filho em tais paragens, ainda mesmo torturado pela incerteza da continuidade de sua existência.

“Assim, resolvi comunicar, a quantos me perguntam, que o filho está morto ha mais de dez anos, como, de fato, deverá estar para nós outros, visto a impossibilidade de o reconhecermos, na hipótese do seu reaparecimento.

“Se soubessemos de nossas mágoas, não faltariam embusteiros que desejassem ludibriar nossa boa fé, explorando o sentimentalismo familiar.”

Ambas assentiram na decisão, que lhes parecia a

mais acertada e, daí a minutos o pôrto de Óstia estava á vista, agora lindamente aparelhado pelo zêlo do Imperador Cláudio, que ali mandara executar obras interessantes e monumentais.

Nessa hora, não se observava o contentamento, natural em tais circunstâncias.

A partida, quinze anos antes, havia sido um cântico de esperança nas espectativas suaves do futuro, mas o regresso estava cheio do silêncio amargo das mais penosas realidades.

Além do desencanto da vida conjugal, Públia e Lívia não viam ali, entre os rostos amigos que os esperavam, as silhuetas de Flaminio e Calpurnia, que consideravam irmãos muito amados.

Contudo, dois rapazes simpáticos e fortes, de gestos desembaraçados nas suas togas irrepreensíveis, dirigiram-se a êles imediatamente, em escalerões confortáveis, mal a embarcação havia atracado; rapazes êsses que senador e espôsa reconheceram de pronto, num afetuoso e comovido abraço.

Tratava-se de Plínio e seu irmão que, incumbidos pelos pais, vinham receber os queridos ausentes.

Apresentados á Flávia, ambos fizeram um movimento instintivo de admiração, recordando o dia da partida, quando a haviam acomodado no beliche, entre os seus gemidos e caretas de criança doente.

A jóvem impressionára-se, também, com a figura de ambos, dos quais possuía apagadas reminiscências, entre as recordações remotas da sua infância. Principalmente Plínio Severus, o mais moço, a havia impressionado profundamente, com os seus vinte e seis anos completos, no mesmo porte elegante e distinto com que ela havia idealizado o herói da sua imaginação feminina.

Notava-se, igualmente, num relance, que o rapaz não ficara indiferente áquelas mesmas emoções, porque, trocadas as primeiras impressões da viagem e examinada a situação da saúde de Flaminio Severus, considerada pelos filhos como excessivamente grave, Plínio ofereceu o braço á jóvem, enquanto Agripa lhe observava num leve tom de ciúme:

— Mas que é isso, Plínio? — Flávia pode suscetibilizar-se com a tua intimidade excessiva!...

— Ora, Agripa — respondeu êle com um franco sorriso — você está muito prejudicado pelos formalismos da vida pública. Flávia não pode estranhar os nossos costumes, na sua condição da patrícia pelo nascimento e, ao demais, não nasci para as disciplinas do Estado, tão do teu gôsto!...

A essas palavras ditas com visível bom humor, acrescentou Públia Lentulus confortado pelo ambiente da sua predileção:

— Vamos, meus filhos!

E dando o braço á espôsa para desempenhar a comédia da sua felicidade conjugal na vida comum da grande cidade, seguido de Plínio, que amparava a jóvem no seu braço forte e conquistador em assuntos do coração, desembarcaram junto de Agripa, afim-de descansarem um pouco, antes de seguir dirétamente para Roma e para o que todas as providências haviam sido tomadas pelos irmãos Severus, com o máximo de carinho e espontânea dedicação.

Lívia não se esqueceu de Ana, providenciando para o seu confôrto junto aos demais servos da casa, em todo o percurso de caminho que os separava da residência.

Em direção á cidade, pensou então o senador que, finalmente, ia rever o amigo muito amado. Ha longos anos acariciava a idéia de confessar-lhe, de viva voz, todos os seus desgostos na vida conjugal, expondo-lhe com franqueza e sinceridade as suas preocupações mais íntimas, acérca-dos fatos que o separavam da espôsa, na intimidade do lar. Tinha sêde de suas palavras afetuosas e de explicações consoladoras, porque sentia que amava a mulher acima de tudo, apesar de tôdos os dissabores experimentados. Credo sinceramente na sua quêda, apenas seu orgulho de homem o afastava de uma reconciliação que cada dia se tornava mais imperiosa e necessária.

Em breve defrontavam a antiga residência, lindamente ornamentada para recebê-los. Numerosos servos se movimentavam, enquanto os recém-vindos faziam o

reconhecimento dos lugares mais íntimos e mais familiares.

Havia quinze anos que o palácio do Aventino aguardava os donos, sob o carinho afetuoso de escravos dedicados e dignos.

Em breve, servia-se uma refeição frugal no tricílio, enquanto os irmãos Severus, que participavam desse ligeiro repasto, esperavam os seus amigos, afim-de seguirem todos juntos para a residência de Flamínio, onde o enfermo os aguardava ansiosamente.

Em dado instante, exclamou Plínio, como quem trás á baila uma notícia interessante e agradável, dirigindo-se ao senador:

— Ha bem tempo ficamos conhecendo vosso tio Sávio Lentulus e sua família, que residem perto do Forum...

— Meu tio? — perguntou Públia, impressionado, como se as lembranças de Fúlvia lhe trouxessem ao íntimo uma aluvião de fantasmas. Mas, ao mesmo tempo, como se estivesse fazendo o possível por adormentar as próprias mágoas, acentuou com suposta serenidade:

— Ah! é verdade! Faz mais de doze anos que ele regressou da Palestina...

Foi nêste comenos que Agripa interveiu como a vingar-se da atitude do irmão, quando ainda não haviam desembarcado, exclamando intencionalmente:

— E por sinal que Plínio parece inclinado a desposar-lhe a filha, de nome Aurélia, com quem mantêm as melhores relações afetivas, de muito tempo.

Em ouvindo essas palavras, Flávia Lentulia fitou o interpelado como se entre o seu coração e o do filho mais moço de Flamínio já houvesse os mais fortes laços de compromissos sentimentais, dentro das leis misteriosas das afinidades psíquicas.

Enquanto se engajava êsse duélo de emoções, Plínio fitou o irmão quasi com ódio, dando a entender a impulsividade do seu espírito e respondendo com ênfase, como a defender-se de uma acusação injustificável, perante a mulher das suas preferências:

— Ainda desta vez, Agripa, estás enganado. Mi-

nhas relações com Aurélia não têm outro fundamento, além do da pura amizade recíproca, mesmo porque considero muito remota qualquer possibilidade de casamento, na fase atual da minha vida.

Agripa esboçou um sorriso brejeiro, enquanto o senador, compreendendo a situação acalmava os ânimos, exclamando com bondade:

— Está bem, filhos; mas falaremos depois sobre meu tio. Sinto-me ansioso por abraçar o querido enfermo e não temos tempo a perder.

Em breves minutos um grupo de liteiras encaminhava-se para a nobre residência dos Severus, onde Fláminio aguardava o amigo, ansiosamente.

Sua fisionomia não acusava mais aquela mobilidade antiga e empolgante expressão de energia que a caracterizava, mas, em compensação, serena placidez se lhe irradiava dos olhos, sensibilizando a quantos o visitavam nos seus derradeiros dias de lutas terrestres. A expressão do semblante era a de um lutador derribado e abatido, exausto de combater as forças misteriosas da morte. Os médicos não tinham a menor esperança de cura, considerando o profundo desequilíbrio físico, aliado à mais forte desorganização do sistema cardíaco. As menores emoções determinavam alterações no seu estado, ensejando as mais amplas apreensões da família.

De vez em quando, os olhos serenos e tranquilos se fixavam detidamente na porta de entrada, como se esperassem alguém com o máximo interesse, até que rumores mais fortes, vindos do vestíbulo, anunciam ao seu coração que ia cessar uma ausência de quinze anos consecutivos, entre ele e os amigos sempre lembrados.

Calpurnia, igualmente, muito abatida, abraçou Lívia e Públia, derramada em lágrimas e apertando Flávia nos braços, como se recebesse uma filha estremecida.

Ali mesmo, no vestíbulo, trocaram impressões e falaram das suas saudades intensas e das suas preocupações numerosas, até que Públia deliberou deixar as duas amigas em franca expansão afetiva, se encaminhava com Agripa, a um dos compartimentos próximos do tablínio, onde abraçou o grande amigo, com lágrimas de alegria.

Flamínio Severus estava magríssimo e suas palavras, por vezes, eram cortadas pela dispnéia impressionante, dando a impressão de que muito pouco tempo lhe restava de vida.

Sabendo da satisfação do pai, na companhia íntima do leal amigo, Agripa retirou-se do vasto aposento, onde as sombras do crepúsculo começavam a penetrar caprichosamente como se o fizessem no silêncio sagrado das naves religiosas.

Públio Lentulus se surpreendeu, encontrando o velho companheiro em tal estado. Não supunha revê-lo tão depauperado. Agora, certificava-se de que era a êle, sim, que competia auxiliá-lo com os seus conselhos, levantando-lhe as fôrças orgânicas e espirituais, com as suas exortações amigas e carinhosas.

Uma vez a sós, contemplou o amigo e mentor, como se estivesse a mirar uma criança enferma.

Flamínio, por sua vez, olhou-o face a face e, olhos rasos dágua, tomou-lhe as mãos nas suas, dando-lhe a entender que recebia ali, naquele momento, um filho muito amado.

Num gesto brando e carinhoso, procurou sentar-se mais comodamente e, amparando-se nos ombros de Lentulus murmurou comovidamente ao seu ouvido:

— Públis, aqui já te não recebe o companheiro enérgico e resoluto doutros tempos. Sinto que apenas te esperava para poder entregar a alma aos deuses, tranquilamente, supondo já cumprida a missão que me competia na Terra, com a minha consciência retilínea e os meus honestos pensamentos.

Ha mais de um ano pressinto o instante irremediável e fatal, que, agora, satisfeito o meu ardente desejo, deve estar avizinhando-se com a velocidade do relâmpago. Não desejava, pois, partir sem te apertar em meus braços, fazendo-te as últimas confidências nêste leito de morte...

— Mas, Flamínio — respondeu-lhe o amigo com serenidade dolorosa — tudo me autoriza a crer nas tuas melhorias imediatas, e todos nós aguardamos a bênção dos deuses, de maneira que possamos contar com a tua

companhia indispensável, por muito tempo ainda, neste mundo.

— Não, meu bom amigo, não te iludas com essas suposições e pensamentos. Nossa alma jamais se engana quando se avizinha das sombras do sepulcro... Não me demorarei em penetrar o mistério da grande noite, mas acredito, firmemente, que os deuses me salvarão com as luzes de suas auroras!...

E, deixando o olhar, profundo e sereno, divagar pelo aposento, como se as paredes marmorizadas se dilatassem ao infinito, Flamínio Severus concentrou-se um minuto em meditações íntimas, continuando a falar, como se desejasse imprimir á conversação um novo rumo:

— Lembras-te daquela noite em que me confiaste os pormenores de um sonho misterioso, no auge da tua emotividade dolorosa?

— Oh! se me lembro!... — revidou Públis Lentulus recordando, de modo inesplicável, não só a palestra remota que resolvera a viagem á Palestina, mas também outro sonho, no qual testemunhára os mesmos fenômenos intraduzíveis, na noite do seu encontro com Jesus de Nazaré. Em se lembrando daquela personalidade maravilhosa, o coração estremeceu, mas tudo fez por evitar ao amigo uma impressão mais forte e dolorosa, acrescentando com aparente serenidade:

— Mas, a que vem tua pergunta, se hoje estou mais que convicto, de acordo contigo próprio, que tudo aquilo não passava de simples impressões de uma fantasia sem importância?

— Fantasia? — replicou Flamínio, como se houvesse encontrado uma nova fórmula da verdade. — Já modifiquei por completo as minhas idéias. A enfermidade tem, igualmente, os seus belos e grandiosos benefícios. Retido no leito há muitos meses, habituei-me a invocar a proteção de Témis, de modo que não chegasse a ver nos meus padecimentos mais que o resultado penoso dos meus próprios méritos, perante a incorruttível justiça dos deuses, até que uma noite tive impressões iguais ás tuas.

Não me recordo de haver guardado qualquer preo-

cupação com a tua narrativa, mas o certo é que, ha cerca-de dois meses, me senti levado em sonho á mesma época da revolução de Catilina, e observei a veracidade de todos os fatos que me relataste ha dezesseis anos, chegando a ver o teu próprio ascendente, Públia Lentulus Sura, que era o teu próprio retrato, tal a sua profunda semelhança contigo, mormente agora que te encontras nos teus quarenta e quatro anos, em plena fixação de traços fisionômicos.

Interessante é que me encontrava a teu lado, caminhando contigo na mesma estrada de clamorosas iniquidades. Lembro-me de nos vermos assinando sentenças iníquas e impiedosas, determinando o suplício de muitos dos nossos semelhantes... Todavia, o que mais me atormentava era observar-te a terrível atitude, determinando a cegueira de muitos dos nossos adversários políticos e assistindo, pessoalmente, ao desenrolar das flagelações do ferro em brasa, queimando numerosas pupilas para tôdo o sempre, aos gritos dolorosos das vítimas indefesas!...

Públia Lentulus arregalou os olhos de espanto, participando, igualmente, daquelas recordações que dormitavam, fundo, na sua alma ensombrada, e replicando, por fim:

— Meu bom amigo, tranquiliza o coração... Semelhantes impressões parecem reflexos de alguma emoção mais forte que perdurasse no ámago da tua memória, acerca-das minhas narrativas naquela noite de ha tantos anos!...

Flaminio Severus esboçou, porém, um leve sorriso, como quem compreendia a intenção generosa e consoladora, redarguindo com serena bondade:

— Devo dizer-te, Públia, que êsses quadros não me apavoraram e apenas te falo dêsses complexo de emoções, porque tenho a certeza de que vou partir desta vida e ainda ficarás, talvez por muito tempo, na crosta dêste mundo. E' possível que as recordações do teu espírito aflorem novamente e, então, quero que aceites a verdade religiosa dos gregos e dos egípcios. Acredito, agora, que temos vidas numerosas, através de corpos diversos. Sinto

que meu pobre organismo está prestes a desfazer-se; entretanto, meu pensamento está vivace como nunca e só em tais circunstâncias presumo entender o grande mistério de nossas existências. Pesa-me, no íntimo, haver praticado o mal no pretérito tenebroso, embora haja decorrido mais de um século sobre os tristes acontecimentos de nossas visões espirituais; todavia, aqui estou diante dos deuses, com o meu pensamento confortado e tranquilo.

Públio ouvia-o atentamente, entre penalizado e comovido. Procurava dirigir-lhe uma palavra confortadora, mas a voz parecia morrer-lhe na garganta, embargada pelas emoções daquele doloroso momento.

Flamínio, porém, apertou-o de encontro ao coração, com os olhos rasos de pranto, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Meu amigo, não tenha dúvidas sobre as minhas palavras... Quero crer que estas horas sejam as últimas... No meu escritório estão todos os teus documentos e o memorial dos negócios de ordem material que movimentei em teu nome, na tua ausência e no concorrente aos nossos problemas de ordem política e financeira. Não encontrarás dificuldade para catalogar, convenientemente, todos os papéis a que me refiro...

— Mas, Flamínio — replicou Públis com enérgica serenidade, — acredito que teremos muito tempo para cuidar disso.

Nesse momento, Lívia e a filha, Calpurnia e os rapazes, acercaram-se do nobre enfermo, trazendo-lhe um sorriso amigo e uma palavra consoladora.

O doente deu mostras de ânimo e alegria para cada um dêles, encarecendo o abatimento de Lívia e a beleza exuberante de Flávia, com palavras meigas e quentes.

Ficando a sós, novamente, o generoso senador que a moléstia desfigurara, entre os linhos claros do leito exclamou com bondade:

— Eis, meu amigo, as borboletas risonhas do amor e da mocidade, que o tempo faz desaparecer, celére, no seu torvelinho de impiedades...

E, baixando a voz, como se quisesse transmitir ao

amigo uma delicada confidência dalmá, continuou a falar pausadamente:

— Levo comigo, para o túmulo, numerosas preocupações pelos meus pobres filhos. Dei-lhes tudo o que me era possível, em matéria educativa, e, embora reconhecendo que ambos possuem sentimentos generosos e sinceros, noto que os seus corações são vítimas das penosas transições dos tempos que passam, nos quais temos o desgôsto de observar os mais aviltantes rebaixamentos da dignidade do lar e da família.

Agripa vem fazendo o possível por se adaptar aos meus conselhos, entregando-se aos labores do Estado; mas Plínio teve a pouca sorte de se deixar seduzir por amigos pérfidos e desleais, que não desejam senão a sua ruína e o arrastam aos maiores desregramentos, nos ambientes suspeitos de nossas mais altas camadas sociais, levando muito longe o seu espírito de aventuras.

Ambos me proporcionam os maiores dissabores com os átos que praticam, testemunhando reduzidas noções de responsabilidade individual. Esbanjando grande parte da nossa fortuna própria, não sei que futuro será o da minha pobre Calpúrnia, se os deuses não me permitirem a graça de buscá-la, em breve, no exílio da sua saudade e da sua amargura, depois de minha morte!...

— Mas a mim — respondeu com interesse o interpelado — êles se me afiguram dignos do pai que os deuses lhe concederam, com a sua gentileza generosa e com a fidalguia de suas atitudes.

— Em todo caso, meu amigo, não podes esquecer que a tua ausência de Roma foi muito longa e que muitas inovações se processaram nesse período.

Parecemos caminhar vertiginosamente para um nível de absoluta decadência dos nossos costumes familiares, bem como dos nossos processos educativos, a meu ver desmantelados em dolorosa falênciam!...

E como se desejasse trazer de novo a conversação para os assuntos de ordem imediata, da vida prática, acentuou:

— Agora que vejo a tua filha esplendendo de mocidade e de energia, renovo, intimamente, meus antigos

projétos de trazê-la para o círculo da nossa comunidade familiar.

"Era meu desejo que Plínio a desposasse, mas meu filho mais moço parece inclinado a comprometer-se com a filha de Sálvio, não obstante a opsião de Calpúrnia a esse projéto; não por teu tio, sempre digno e respeitável aos nossos olhos, mas por sua mulher que, apesar da velhice, não parece disposta a abandonar as suas antigas idéias e iniciativas do passado. Devo, porém, considerar que me resta ainda Agripa, a-fim-de concretizarmos as minhas futuras esperanças.

Se puderdes, algum dia, não te esqueças desta minha recomendação in extremis!..."

— Está bem, — Flamínio, — mas não te canses. Dá tempo ao tempo, porque não nos faltará oportunidade para discutir o assunto — replicou Públia Lentulus, comovido.

Neste comenos, Agripa entrou na câmara, dirigindo-se ao pai afetuosamente:

— Meu pai, o mensageiro enviado a Massília acaba de chegar, trazendo as desejadas informações a respeito de Saúl.

— E êle nada nos manda dizer sobre a sua vinda? — perguntou o enfermo com bondoso interesse.

— Não. O portador apenas comunica que Saúl partiu para a Palestina, logo depois de alcançar a consolidação da sua fortuna com os últimos lucros comerciais, acrescentando haver deliberado ir á Judéia, para rever o pai que reside nas cercanias de Jerusalém.

— Pois sim — disse o enfermo resignado — à vista disso, recompensa o mensageiro e não te preocipes mais com os meus anteriores desejos.

Em os ouvindo, Públia deu tratos ao cérebro para se recordar de alguma cousa que não podia definir com precisão. O nome de Saúl não lhe era estranho. Com a circunstância de se localizar a residência do pai nas proximidades de Jerusalém, lembrou-se, finalmente, dos personagens de suas recordações, com fidelidade absoluta. Rememorou o incidente em que fôra obrigado a castigar um jovem judeu dêssse nome, nas cercanias da cidade,

remetendo-o ás galeras como punição do seu áto irrefletido e recordando, igualmente, o instante em que um agricultor israelita fôra reclamar-lhe a liberdade do prisioneiro, dando-o como seu filho. Experimentando um anseio vago no coração, exclamou intencionalmente:

— Saúl? Não é um nome característico da Judéia?

— Sim — respondeu Flamínio com serenidade — trata-se de um escravo liberto de minha casa. Era um cativeiro judeu, ainda jóvem, adquirido por Valério, no mercado, para as bigas dos meninos, ao ínfimo preço de quatro mil sestércios. Tão bem se houve, entretanto, nos afazeres que lhe eram comumente designados, que, após levantar vários prêmios com as suas proezas no Campo de Marte, destinados aos meus filhos, resolvi conceder-lhe a liberdade, dotando-o com os recursos necessários para viver e promover empreendimentos de sua própria conta. E parece que a mão dos deuses o abençou no momento preciso, porque Saúl é hoje senhor de uma fortuna sólida, com o resultado do seu esfôrço e trabalho.

Públio Lentulus silenciou, intimamente aliviado, pois o seu prisioneiro, segundo notícias recebidas pelos prepostos do governo provincial, havia-se evadido para o lar paterno fugindo, dêsse modo, á situação humilhante de escravo.

As horas da noite iam já avançadas.

O visitante lembrou-se, então, de que esperava avisar-se com Flamínio para uma palestra substanciosa e longa, a respeito de múltiplos assuntos, como, por exemplo, a sua penosa situação conjugal, o desaparecimento misterioso do filhinho, o seu encontro com Jesus de Nazaré. Mas, observava que Flamínio estava exausto, sendo justo e necessário que adiasse as suas confidências amargas e penosas.

Foi então que se retirou do aposento para esperar o dia seguinte, cheio de esperanças consoladoras.

Os dois amigos trocaram longo e significativo olhar no instante daquelas despedidas, que agora pareciam comuns, como as afetuosas saudações diárias de outros tempos.

Confortadoras exortações e promessas amigas foram

trocadas, entre expressões de fraternidade e carinho, antes que Calpurnia reconduzisse as visitas ao vestíbulo, com a sua bondade generosa e acolhedora.

Todavia, nas primeiras horas da manhã seguinte, um mensageiro apressado parava á porta do palacete dos Lentulus, com uma notícia alarmante e dolorosa.

Flamínio Severus piorara inesperadamente, sem que os médicos déssem aos seus familiares a menor esperança. Todas as melhorias fictícias haviam desaparecido. Uma força inexplicável lhe desequilibrára a harmonia orgânica, sem que remédio algum lhe paralisasse as aflições angustiosas.

Dentro de poucas horas, Públio Lentulus e os seus encontravam-se de novo na vivenda confortável dos amigos.

Enquanto penetra êle, ansioso, no quarto do velho companheiro de lutas terrestre, Lívia, na intimidade de um apartamento, dirige-se á Calpurnia nestes termos:

— Minha amiga, já ouviste falar em Jesus de Nazaré?

A orgulhosa matrona, que não perdia a linha de suas vaidades poderosas, em família, ainda nos momentos das mais angustiosas preocupações, arregalou os olhos exclamando:

— Por que me perguntas?

— Porque Jesus — respondeu Lívia humildemente — é a misericordia de todos os que sofrem e não posso esquecer-me da sua bondade, agora que nos vemos em provações tão ásperas e tão dolorosas.

— Suponho, querida Lívia — redarguiu Calpurnia gravemente — que esqueceste todas as recomendações que te fiz antes de partires para a Palestina, porque, pelas tuas advertências, estou deduzindo que aceitaste de bôa fé as teorias absurdas da igualdade e da humildade, incompatíveis com as nossas tradições mais vulgares, deixando-te levar nas águas enganosas das crenças errôneas dos escravos.

— Mas, não é isso. Refiro-me á fé cristã, que nos anima nas lutas da existência e consola o coração ator-

mentado nas provações mais ríspidas e mais amargas...

— Essa crença está chegando agora á séde do Império e por sinal que tem encontrado a repulsa geral dos nossos homens mais sensatos e ilustres.

— Eu, porém, conheci Jesus de perto e a sua doutrina é de amor, de fraternidade e de perdão... Conhecendo os teus justos receios por Flaminio, lembrei-me de apelar para o profeta de Nazaré, que, na Galiléia, era a providência de todos os aflitos e de todos os sofredores!

— Ora, minha filha, sabes que a fraternidade e o perdão das faltas não se compadecem, de modo algum, com as nossas idéias de honra, de pátria e de família, e o que mais me admira é a facilidade com que Públia permitiu tão íntimo contacto com as concepções errôneas da Judéia, a ponto de modifiques tua personalidade moral, segundo me deixas entrever.

— Todavia...

Ia Lívia esclarecer, da melhor maneira, os seus pontos de vista, com respeito ao assunto, quando Agripa entrou inopinadamente no gabinete, exclamando com a mais forte emoção:

— Minha mãe, venha depressa, muito depressa!... Meu pai parece agonizante!...

Num átimo, ambas penetraram no aposento do moribundo, que tinha os olhos parados como se fôra acometido, inesperadamente, de um delíquio irrefreável.

Públia Lentulus guardava entre as suas, as mãos do moribundo, mirando-lhe ansiosamente o fundo das pupilas.

Aos poucos, porém, o tórax de Flaminio parecia mover-se de novo aos impulsos de uma respiração profunda e dolorosa. Em seguida, os olhos revelaram um forte clarão de vida e consciência, como se a lâmpada do cérebro se houvesse reacendido num movimento derradeiro. Contemplou, em torno, os familiares e amigos bem amados, que se debruçavam sobre êle, inquietos e ansiosos. Um médico muito amigo, que o assistia invariavelmente, compreendendo a gravidade do momento, retirara-se

para o átrio, enquanto em volta do agonizante sómente se ouvia a respiração opressa dos nossos conhecidos destas páginas.

Flamínio passeou o olhar brilhante e indefinível por todos os rostos, como se procurasse, mais detidamente, a esposa e os filhos, exclamando em frases entrecortadas:

— Carpurnia, estou... na hora extrema... e dou graças aos deuses... por sentir a minha consciência... desanuviada e tranquila... Esperar-te-ei na eternidade... um dia... quando Júpiter... houver por bem... chamar-te para meu lado...

A veneranda senhora ocultou o rosto nas mãos, dando expansão às lágrimas, sem conseguir articular palavra.

— Não chores... — continuou ele, como a aproveitar os momentos derradeiros — a morte... é uma solução... quando a vida... já não tem mais remédio... para as nossas dôres...

E, olhando ambos os filhos, que o contemplavam com ansiedade, de olhos lacrimejantes, tomou a mão do mais moço murmurando:

— Desejaria... meu Plínio... ver-te feliz... muito feliz... E' intenção tua... desposar a filha de Sálvio?...

Plínio compreendeu as alusões paternas naquele momento grave e decisivo, fazendo um leve sinal negativo com a cabeça, ao mesmo tempo que fixava os olhos grandes e ardentes em Flávia Lentulia, como a indicar ao pai a sua preferência.

O moribundo, por sua vez, com a profunda lucidez espiritual dos que se aproximam da morte, com plena consciência da situação e dos seus deveres, entendeu a palavra silenciosa do filho estremecido e, tomando a mão da jovem, que se inclinava afetuosa e sobre o seu peito, apertou as mãos de ambos de encontro ao coração, murmurando com íntima alegria:

— Isso é mais... uma razão... para que eu parta... tranquilo... Tu, Agripa... has de ser também... muito feliz... e tu... meu caro... Púlio... junto de Lívia... haverás... de viver...

Todavia um soluço mais forte escapara-se-lhe inopinadamente e a sucessão dos singultos violentos e dolorosos obrigou-o a calar-se, enquanto Calpurnia se ajoelhava e lhe cobria as mãos de beijos...

Lívia, também genuflexa, olhava para o alto como se desejasse descobrir os seus arcanos. A seus olhos, apresentava-se aquela câmara mortuária repleta de vultos luminosos e de outras sombras indefiníveis, que deslizavam tranquilamente em torno do moribundo. Orou no imo de sua alma, rogando a Jesus força e paz, luz e misericórdia para o grande amigo que partia. Nesse instante, lobrigou a radiosa figura de Simeão, rodeada de uma claridade azulada e resplandecente.

Flamínio agonizava...

A medida que transcorriam os minutos, os olhos se lhe tornavam vítreos e descoloridos. Todo o corpo transudava um suor abundante, que alagava o linho alvíssimo das cobertas.

Lívia notou que todas as sombras presentes se haviam também ajoelhado e somente o vulto imponente de Simeão ficara de pé, como se fôra uma sentinela divina, colocando as mãos radiosas na fronte abatida do moribundo. Notou, então, que seus lábios se entreabriam para a oração, ao mesmo tempo que doces palavras lhe chegavam, nítidas, aos ouvidos espirituais:

— Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino de misericórdia e seja feita a vossa vontade, assim na Terra como nos céus!...

Nesse instante, Flamínio Severus deixava escapar o último suspiro. Marmórea pálidez lhe cobriu os traços fisionômicos, ao mesmo tempo que uma infinda serenidade se estampava na sua máscara cadavérica, como se a alma generosa houvesse partido para a mansão dos bem-aventurados e dos justos.

Sómente Lívia, com a sua crença e a sua fé, pôde conservar-se de ânimo sereno, entre quantos a rodeavam no doloroso transe. Públio Lentulus, entre lágrimas co-movedoras, certificava-se de haver perdido o melhor e o maior dos amigos. Nunca mais a voz de Flamínio lhe

falaria das mais belas equações filosóficas, acerca-dos problemas grandiosos do destino e da dôr, nas correntes intermináveis da vida. E, enquanto se abriam as portas do palácio para as homenagens da sociedade romana; e enquanto se celebravam solemnes exequias implorando a protecção dos manes do morto, seu coração de amigo considerava a realidade dolorosa de se haver rasgado, para sempre, um dos mais belos capítulos afetivos, no livro da sua vida, dentro da escuridão espessa e impenetrável dos segredos de um túmulo.

II

SOMBRAIS E NÚPCIAS

As exequias de Flamínio compareceram numerosos afeiçoados do extinto, além das muitas representações sociais e políticas de todas as organizações a que radicara o seu nome digno e ilustre.

Entre tantos elementos, não podia faltar a figura do pretor Sálvio Lentulus que, nas homenagens póstumas, se fez acompanhar da mulher e da filha, que fizeram o possível por bem representar a comédia de suas fingidas mágoas pela morte do grande senador, junto de Calpurnia que se debulhava nas lágrimas dos seus mais dolorosos sentimentos.

Ali mesmo, no palácio dos Severus, encontraram-se os membros da família Lentulus, com a evidente aversão de Públia pela presença da esposa do tio, enquanto as senhoras trocavam impressões dolorosas, na afetada etiqueta das banalidades sociais.

Fúlvia e Aurélia notaram, com profundo desagrado, a expressão carinhosa de Plínio Severus para com Flúvia Lentilia, a quem distingua com especial atenção, nas solenidades fúnebres, como a demonstrar as preferências do seu coração.